

O PAÍS

Reação dos Sarney: 'Tasso é safado'

Ataques ao presidente do Senado dificultam ação do Governo para esfriar a CPI dos Bancos

Cristiane Jungblut e Mônica Gugliano

BRASÍLIA

Todo o esforço e a articulação feitos pelo Governo para tentar impedir a instalação no Senado da CPI dos Bancos podem fracassar por causa das críticas do governador do Ceará, Tasso Jereissati, que acompanha o presidente Fernando Henrique Cardoso, em Tóquio, ao presidente do Senado, José Sarney. Jereissati chamou Sarney de irresponsável e o acusou de promover a instalação da CPI. O clima no Senado, que o Governo trabalhava para apaziguar, esquentou e até tucaños criticaram Jereissati.

A resposta dura, no estilo bateu-levou, ficou a cargo do deputado Sarney Filho (PFL-MA), que começou a articular com outros deputados o envio de requerimentos de informações sobre o Governo de Tasso Jereissati no Ceará.

— Safado, lobista, empresário que vive às custas de incentivos federais. Há dois meses estava na casa do meu pai, puxando o saco. É um lambe-botas que tentou ser ministro de meu pai, levar o PSDB para o Governo de Fernando Collor e agora ataca Sarney para ficar de bem com Fernando Henrique — disparou Sarney Filho.

No Japão, ao ser informado das declarações do filho do presidente do Senado, Tasso Jereissati disse que não faz comentários sobre baixarias. Segundo ele, nada do que foi dito é capaz de viabilizar a CPI. Tasso e Fernando Henrique conversaram muito sobre este assunto na viagem entre São Francisco, nos Estados Unidos, e Tóquio.

Três fábricas de Coca Cola

Em Brasília, os amigos de Sarney reagiram duramente, apontando a inabilidade política do Palácio do Planalto de empurrar Sarney para a oposição e atacaram Jereissati. A primeira acusação, feita pelo senador Gilvan Borges (PMDB-AP), foi a de que Jereissati seria contra a CPI e teria interesse de defender o Banco Central porque está negociando com Ângelo Calmon de Sá, ex-presidente do Banco Econômico, a compra de três fábricas da Coca-Cola — uma transação que estaria sendo auxiliada pelo BC.

Sarney, que passou o dia numa suíte do Hotel Glória no Rio, ficou profundamente irritado. Mas,

segundo seu porta-voz, Fernando César Mesquita, sua primeira reação foi irônica:

— Não vou responder ao Tasso. Ele deve estar muito ocupado negociando com o Ângelo Calmon de Sá a venda da Coca-Cola. O que eles querem é me nomear líder da oposição. Mas esse líder é o Lula, que há 20 anos trabalha para isso.

Ao chegar a Brasília, no início da noite, Sarney não quis polemizar e resumiu:

— Não participo de discussão desse nível. Se o presidente Fernando Henrique falar isso ou tiver a mesma posição, aí eu responderei ao presidente.

Se tivesse optado pela opinião de seus assessores, Sarney teria partido ontem mesmo para o confronto. O ex-presidente foi aconselhado a dar respostas muito piores, como, por exemplo, determi-

nar a instalação da CPI dos Bancos com as indicações apenas da maioria de seus integrantes, já que o PFL não quer indicar seus representantes.

O deputado federal Gilvan Borges também partiu para o ataque:

— Irresponsável e leviano é Tasso, que tem o rabo preso. O PSDB tem um projeto de poder que vê em Sarney um adversário. A cúpula tucaña deveria manter o equilíbrio.

À noite, Sarney pretendia reunir-se com aliados para decidir se responderá a Jereissati hoje, num discurso do plenário do Senado. Alguns senadores, como Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), que conversou com Sarney pelo telefone, tentaram recomendar calma. Mas admitiram que o governador do Ceará foi extremamente inábil. Os amigos do se-

nador estão cada vez mais desconcertados com o que chamam de falta de habilidade do Planalto. Ontem, eles não conseguiam dissociar o aval de Fernando Henrique para as declarações de Tasso Jereissati. Recordavam que o próprio presidente pedira aos governadores que o defendessem.

— Fernando Henrique não se queixou? Tasso o defendeu. Mas eles estão fazendo algo extremamente perigoso. Estão empurrando Sarney para a oposição. Até agora, ele tem sido um aliado. Daqui a pouco se chateia e deixa de ser. Sarney na oposição pode muito bem aplicar aquele ditado: aos amigos, os favores da lei; aos inimigos, os rigores da lei — disse um amigo do senador.

Assunto deve ficar com a CCJ

O ditado se aplicaria bem à atual situação da CPI dos Bancos no Senado. Uma das interpretações do regimento aponta que basta a indicação de sete membros dos 13 (a maioria) para que ela entre em funcionamento. Sarney pode optar por essa interpretação. Nesse caso, basta o PMDB, PPB, PT e PDT indicarem os integrantes e a CPI poderia começar a trabalhar. Mas o senador Sarney poderia optar pela interpretação do regimento feita pelo PSDB e PFL, que querem impedir a CPI. Eles argumentam que só com a indicação dos integrantes de todos os partidos a CPI poderia funcionar. Sarney e a Mesa, porém, devem escolher uma terceira alternativa: enviar o assunto para a Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), onde os aliados governistas são maioria, e deixar que ela decida, eximindo-se da responsabilidade. O senador Odacir Soares (PFL-RO) apresentou requerimento neste sentido para acabar com a polêmica. Apesar dos ânimos acirrados de ontem, indicando a criação da CPI, alguns senadores admitiam que essa poderá ser a saída ideal para todos, já que Sarney pode não estar disposto a arcar com o ônus de ser responsável pela CPI. Ao mesmo tempo, Sarney não quer ser responsável por enterrar a CPI.

Em Tóquio, o senador Siqueira Campos (PPB-TO) disse ontem que o Congresso deveria dar um voto de confiança ao presidente Fernando Henrique Cardoso pelo trabalho internacional que ele vem fazendo e pelas medidas rigorosas que tem aplicado contra os abusos do sistema financeiro. (Colaborou Tales Faria)

Mais problemas para o Governo

Sarney Filho vai presidir comissão de Orçamento

• O presidente do Senado, José Sarney, já está preparando mais problemas para o Governo. Conseguiu fazer o filho, deputado Sarney Filho (PFL-MA), presidente da comissão do Congresso que votará o Orçamento para o ano que vem. Zequinha, como é chamado, assumirá logo após a aprovação do Orçamento de 1996, que deverá ser votado até o fim do mês, e não tem escondido sua animosidade com o Governo.

— É impressionante. O Governo comete erros atrás de erros e tenta colocar a culpa de suas mazelas sobre meu pai. O Maranhão votou a favor da reforma previdenciária, mas mesmo assim eles perderam aqui no plenário. Foi culpa do Sarney? Não, foi culpa da insatisfação generalizada no Congresso contra o Governo — disse, ao confirmar sua indicação pelo líder do PFL na Câmara, Inocêncio de Oliveira (PE).

O deputado afirma que não pretende atrapalhar o Governo na comissão. Sua indicação, segundo ele, foi decisão exclusiva de Inocêncio a partir do interesse das bancadas do PFL de ou-

tros estados por outras comissões. Inocêncio, conhecido entre os pefelistas como um dos membros da cúpula do partido mais ligados a Sarney, defende a escolha.

— Indiquei o Zequinha porque ele é competente e já demonstrou isso como presidente da Comissão de Meio Ambiente — disse.

Desde que começou a correr o requerimento para criação da CPI dos bancos, Zequinha tem se mostrado irritado com o Planalto. Ontem, passou o dia articulando com deputados do Maranhão respostas aos ataques do governador do Ceará, Tasso Jereissati, a seu pai.

— Essa história de CPI está engraçada. Houve uma medida provisória editada numa sexta-feira à noite, destinada a resolver um problema do Banco Nacional, que pertence à nora do presidente. Se fosse no tempo em que o meu pai era presidente, estavam caindo de pau nele. Pois acho que essa CPI é inevitável. Houve um escândalo e ele tem que ser apurado e ponto final — protestou.